

Teatro

DIREÇÃO ARTÍSTICA  
MARCO PAIVA

# O TAMANHO DAS COISAS

DE ALEX CASSAL

PARQUE  
MAYER

Teatro Variedades



#### Datas

7 – 17 de maio 2026  
quarta a sábado, 20h  
domingo, 16h

#### Classificação etária

M/14

#### Duração

70 min.

#### Acessibilidade

Todas as sessões do espetáculo incluem interpretação em Língua Gestual Portuguesa (LGP) em vídeo e legendagem em português.

#### Créditos foto de capa

Filipe Ferreira

# O TAMANHO DAS COISAS

A determinado momento numa geografia desconhecida e sem qualquer razão aparente, um homem interrompe o seu caminho parando em pleno oceano. Da comparação entre o seu corpo e a escala avassaladora do que o rodeia levanta a questão: será que devo continuar? Até onde vai a utopia de que os heróis resistem infinitamente ao próprio cansaço? Vamos então analisar em conjunto: poderão todas as coisas medir a sua importância pela sua escala de tamanho? Será que nos vemos como gigantes?

#### Texto

Alex Cassal

#### Direção artística

Marco Paiva

#### Interpretação

Paulo Azevedo

#### Cenografia

Marco Paiva e Nuno Samora

#### Desenho de luz

Nuno Samora

#### Assistente de encenação

Barbara Pollastri

#### Vídeo

Mario Melo Costa

#### Gestão financeira

Nuno Pratas

#### Direção de produção

Beatriz Sousa

#### Direção técnica

Nuno Samora

#### Operação técnica

Nuno Figueira

#### Interpretação LGP

Patrícia Carmo

#### Coprodução

Terra Amarela, Casa Varela, Município de Pombal, Município de Paredes de Coura, Teatro Diogo Bernardes e Culturproject

#### Financiamento do projeto

Direção-Geral das Artes

#### COPRODUÇÃO





# “OU SERÁ O MUNDO AO SEU REDOR QUE ESTÁ A MUDAR?”

*O Tamanho das Coisas* investiga a vida de um homem que está continuamente a mudar de dimensão; ora a crescer até se tornar um gigante a sapatear por entre cidades liliputianas, ora a encolher até uma escala microscópica, quando a menor racha no chão passa a ser um abismo intransponível. Ou será o mundo ao seu redor que está a mudar?

À partida, o tamanho costuma indicar-nos a importância das coisas. Monumentos, arranha-céus, muros com centenas de quilômetros de extensão, montanhas a serem conquistadas, jogadores de basquete da NBA.

Quem seria capaz de se orientar num mundo que parece ter sido construído para desafiar as nossas perceções, como uma sala de espelhos distorcidos em que o incrivelmente pequeno e o incomensurável coexistem? Ou como no império imaginário descrito por Jorge Luís Borges, em que os cartógrafos criaram um mapa do tamanho exato do império, a coincidir em todos os pontos.

Um mapa que não serve à orientação, mas com lagos, vales e florestas onde os viajantes poderiam se perder para sempre. Este é um monólogo criado à medida para o ator Paulo Azevedo, que nasceu sem braços e pernas e vem construindo a passos largos uma carreira singular no teatro e na televisão.

— Alex Cassal

# "O FACTO DE A REALIDADE SER QUESTIONADA TEM A VER COM A DIMENSÃO QUE DAMOS ÀS COISAS, AOS PROBLEMAS, AOS SENTIMENTOS"

O espetáculo parte de uma instabilidade de escala – um corpo que cresce, diminui ou talvez seja o mundo que se desloca à sua volta. Como entras nesse território onde o tamanho das coisas e a perceção da realidade começa a ser questionado?

Este território onde o tamanho das coisas e a perceção da realidade começa a ser questionada faz muito parte do meu quotidiano, vivo isso na pele. Sem próteses, tenho 1,15 m de altura; com próteses, tenho 1,80 m. Quando entro na minha simples cozinha o mundo parece muito maior e muito mais inacessível e quando estou com as próteses as coisas parecem completamente normais e diferentes. O facto de a realidade ser questionada tem a ver com a dimensão que damos às coisas, aos problemas, aos sentimentos e eu entro neste território como entro no meu dia-a-dia, à procura de superar desafios. O desafio pode ser a distância até um remo ou até ao barco, mas a perceção que temos é que se não fores buscar aquele remo não chegas ao destino e, se o fores buscar, o barco vai-se embora. Há ali toda uma filosofia sobre o tamanho das coisas e a dimensão que damos aos nossos problemas – às vezes diminuímos as soluções para os resolver. Isto é, em parte, aquilo que vivo no dia a dia. Para mim subir degraus é uma vitória tremenda, enquanto para outra pessoa pode ser algo muito simples. O tamanho das coisas e a perceção da realidade acompanha-me no meu dia a dia e eu sou confrontado com elas muitas vezes, quando me aparece um lanço de escadas ou preciso de abrir uma prateleira de um armário alto e não tenho as próteses...

**Há uma espécie de suspensão no gesto inicial – parar em pleno oceano, interromper o percurso. O que significa, para ti, esse momento de dúvida e de encruzilhada?**

Na nossa vida pessoal e profissional temos sempre dois caminhos: o de desistir e o de lutar por aquilo que queremos. Aqui acontece isso mesmo: estás parado no meio do oceano, de forma retórica ou imaginária, e tens ali duas hipóteses: ou continuas no barco e não sais do lugar, ou vais buscar o remo e o barco vai-se embora – é a encruzilhada da vida. É arriscares, não viveres no “e se eu fosse?”, “e se eu fizesse?”... A vida é cheia de encruzilhadas e vivemos tantas vezes nelas e não arriscamos, não avançamos.

**Sendo um monólogo escrito para ti, até que ponto este trabalho é um lugar de exposição e até que ponto é um lugar de deslocação – de te tornares outro?**

Este trabalho físico e simbólico em palco foi o meu maior desafio na representação. Não foi exatamente escrito para mim, este monólogo poderia ter sido feito por qualquer outro intérprete; não foi escrito a pensar nas minhas características físicas, mas em mim enquanto ator. Por essa razão, é muito físico e obriga-me a correr de um lado para o outro, a subir e descer do barco. Este espetáculo leva-me a tornar-me outro na medida em que me tira completamente da minha zona de conforto: estou sozinho em palco, é um monólogo muito descritivo, que me obriga a contar ao pormenor cada cena para que o público entre na história comigo e viaje nesta busca incessante de encontrar um rumo na vida e o tamanho das coisas.

**O espetáculo sugere que não é a dimensão dos problemas que importa, mas a forma como lidamos com eles. Que tipo de pergunta ou mudança de perspetiva gostarias que ficasse em quem o vê?**

Nenhum problema é maior do que nós, somos nós que lhe damos a dimensão que queremos. O difícil não é o mesmo que impossível: posso ir buscar o remo, e o barco vai-se embora, mas mantenho-me à tona, em cima do remo, e posso flutuar até encontrar uma ilha, por exemplo; ou posso manter-me no barco, à deriva, e esperar que outro navio me resgate. Gostava que quem visse o espetáculo percebesse que tudo depende de nós mesmos: desistir ou continuar a lutar pelo que

queremos; quando às vezes tudo parece perdido há sempre uma réstia de esperança a que nos podemos agarrar.

**Em que medida o encontro com o encenador Marco Paiva e com a produtora Terra Amarela, enquanto espaço que celebra a diversidade como lugar de descoberta, enriqueceu o teu percurso enquanto ator?**

Estou muito grato à Terra Amarela, eu estava afastado dos palcos há muitos anos e estava a ser difícil encontrar o meu caminho de volta enquanto ator e o Marco [Paiva] e a Terra Amarela encontraram-me com *Calígula Morreu, Eu Não*. Fui a um casting, arrisquei, e a Terra Amarela reavivou este sonho que estava um bocadinho adormecido. Tal como o Marco me disse: “trabalhas connosco não por teres uma condição, mas porque tens talento; se fosse o contrário, não estarias aqui”. A Terra Amarela foi um bote salva-vidas que me ajudou a voltar aos palcos e a reacender a paixão de ser ator... e já levamos quatro ou cinco espetáculos juntos.



## MARCO PAIVA

Nasceu na Covilhã, em 1980. Licenciado em Teatro - Formação de Atores pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Concluiu o Curso Europeu de Aperfeiçoamento Teatral École Des Mâitres e pós-graduou-se em Empreendedorismo e Estudos da Cultura, no ISCTE. Tem vindo a colaborar como ator e encenador em diversas estruturas - Teatro Nacional D. Maria II, Centro Dramático Nacional de Espanha, mala voadora, Comuna Teatro de Pesquisa, O Bando, L.A.M.A - Laboratório de Artes e Media do Algarve, Culturgest, Casa da Música, Teatro Helena Sá e Costa, projeto Crinabel Teatro, entre outros. Trabalhou com os encenadores João Ricardo, João Mota, Emmanuel Demarcy-Mota, Enrique Diaz, Álvaro Correia, Jorge Andrade, Alex Cassal, Paula Diogo, Crista Alfaiate, Carla Maciel, André Murraças. Em cinema trabalhou entre outros com Miguel Martí, Joaquim Leitão, João Pedro Rodrigues, Dinis Costa, Edgar Pêra, José Fonseca e Costa e Tiago Guedes. Fundou em 2018 a Terra Amarela - Plataforma de Criação Artística Inclusiva, que desenvolve o seu trabalho em torno da cultura acessível e das práticas artísticas inclusivas. Colaborou com diversas instituições de ensino nas áreas do teatro, da educação pela arte e da mediação cultural.

## ALEX CASSAL

Nasceu em Porto Alegre, Brasil, em 1967. Nos anos 80, foi um dos fundadores do Movimento de Grupos de Teatro de Rua de Porto Alegre, no qual contribuiu para a busca de novas diretrizes para a arte em espaços públicos. Licenciou-se em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É encenador, dramaturgo e performer. Os seus trabalhos exploram a relação com o outro e o desvendamento dos mecanismos cénicos na criação de espaços de encontro e desafio artístico.

Com Felipe Rocha fundou no Rio de Janeiro os Foguetes Maravilha, grupo dedicado à construção de uma dramaturgia própria e singular, altamente colaborativa. O grupo apresentou-se em teatro tradicionais, espaços alternativos e em festivais em várias cidades do Brasil, e em Portugal e na Noruega. Ainda no Brasil colaborou com artistas como Alice Ripoll, Dani Lima, Renato Linhares, Enrique Diaz, Gustavo Ciríaco, Clara Kutner, Stella Rabello, Emanuel Aragão, Ricardo Chacal, Denise Stutz, Michelle Moura e o grupo Dimenti. Realizou com Alice Ripoll o curta-metragem de dança *Jornada ao umbigo do mundo* (2007), exibido em cerca de 15 países. Tem desenvolvido atividade pedagógica em artes performativas e foi professor convidado em instituições como a Escola Superior de Teatro e Cinema e o Fórum Dança, em Lisboa. Foi um dos programadores do V::E::R Encontro de Arte Viva.

Desde 2009, mantém colaborações com criadores portugueses como Paula Diogo, Tiago Rodrigues, Jorge Andrade e Marco Paiva. Nos últimos anos, criou espetáculos como *As Cidades Invisíveis* (2016), *Tiranossauro Rex* (2017), *A Menor Língua do Mundo* (2019) e *inFausto* (2021). Os textos *Septeto Fatal* e *Tiranossauro Rex* estão publicados em Portugal. Vive em Lisboa.

## PAULO AZEVEDO

Nasceu em Coimbra, em 1981, sem mãos e sem pernas. Iniciou-se no teatro em 1990, em Pombal, estudou jornalismo na Universidade de Coimbra, tirou o Curso de Treinador de Futebol de Nível II, estagiou no *Real Madrid* e frequentou o curso de Representação em Televisão e Cinema, sob a orientação do ator e argumentista Tozé Martinho, na Universidade Lusíada de Lisboa. Foi protagonista de reportagens televisivas premiadas, como *O Melhor Jogador do Mundo*, da *Sport TV*, e *Uma Vida Normal*, da *SIC*, que haveria de dar origem ao livro autobiográfico com o mesmo nome, em 2008 (4.ª edição). Tornou-se no primeiro ator com deficiência na ficção televisiva portuguesa, quando participou na novela *Podia Acabar o Mundo*, da *SIC*, tendo sido eleito ator revelação. Participou em novelas da *SIC* e da *RTP*, protagonizou curtas-metragens exibidas em cinema, apresentou o programa *Consigo*, da *RTP 2*, e venceu o concurso televisivo *Splash*, da *SIC*. É ator, palestrante e em teatro trabalhou com o Teatrão e a Terra Amarela.

## TERRA AMARELA

A Terra Amarela é uma estrutura de criação artística fundada em abril de 2018, com direção do ator e encenador Marco Paiva. Da fundação da Terra Amarela fazem ainda parte um conjunto de artistas provenientes de diversas linguagens criativas, bem como outros profissionais ligados às práticas artísticas, culturais e sociais. O aparecimento da Terra Amarela responde à necessidade de criar um espaço de diálogo artístico, social e comunitário mais alargado, que possa dar continuidade ao trabalho que o diretor artístico Marco Paiva iniciou no ano 2000 junto do projeto Crinabel Teatro, um grupo constituído por intérpretes com deficiência intelectual. A diversidade das parcerias já estabelecidas efetivam os objetivos traçados para a Terra Amarela: criar um espaço coletivo, que opere numa rede de parcerias artísticas multidisciplinares nacionais e internacionais, fomentando a diversidade, o acesso e a liberdade.

**Direção**

Filipe Silva  
Joaquim René

**Adjunta de direção**

Ana Barbosa

**Direção de Comunicação**

Rita Rodrigues

**Direção de Produção**

Bruno Reis

**Direção Técnica e de Cena**

João Moreira

**Adjunta para Direção**

Técnica e de Cena

Rita Benito Monteiro

**Comunicação**

Margarida Rocha Oliveira  
Mónica Martins

**Produção**

Tiago Antunes  
Tiago Oliveira

**Gestão de bilheteiras  
e de públicos**

Sérgio Guimarães

**Gestão de Públicos**

Ana Sofia Fernandes  
Joana Dias  
Téo Pitella

**Bilheteira**

Beatriz Lopes  
Sara Martins  
Miguel Lopes

**Camareira**

Inês Oliveira

**Cena**

Diana Almeida  
Eliana Lima  
Madalena Venâncio  
Sara Cipriano

**Luz/Palco**

Bento Silva  
Bruno Bacanhim  
Daniel Polho  
Hugo Cochat  
Saulo Silva

**Som/Vídeo**

André Cavalheiro  
Pedro Baptista  
Sérgio Rodrigues

**Manutenção e Segurança**

Pedro Santos

**Design**

V-A Studio

**Fotografia**

Estelle Valente e José Frade

**Vídeo**

Duarte Lapa

---

### **Bilheteira**

Horário: segunda a sábado  
das 17h às 20h e domingo  
das 13h às 16h

Em dias de espetáculo permanece  
aberta até 30 minutos após o seu  
início.

T. 210 523 631 / 210 523 632  
bilheteira@teatrovariedades.pt  
WhatsApp: 924 476 542

### **Como chegar**

Metro: Linha Azul | Estação Avenida  
Comboio: Linha Sintra e Linha  
Azambuja | Estação Restauradores  
Autocarros: 709, 711, 732, 736, 744,  
207, 19B  
Gira: Estação 304  
(junto ao Cinema São Jorge)

### **Acessibilidade**

Para mais informações sobre a  
acessibilidade dos espaços, por  
favor, contacte o Teatro Variedades:  
info@teatrovariedades.pt

### **Contactos**

Geral: T. 210 523 630  
info@teatrovariedades.pt  
www.teatrovariedades-capitolio.pt

### **Localização**

Parque Mayer, 1250-164 Lisboa